

Ícones americanos

Sejam eles líderes políticos, intelectuais ou esportivos, homens ou mulheres, personagens históricos ou fictícios, figuras emblemáticas americanas não faltam. Por terem sido vanguarda de grandes transformações sociais, por terem feito pulsar milhares de espectadores e espectadoras nos estádios, por terem fascinado milhares na frente dos televisores ou das tirinhas em quadrinhos, por terem levado uma vida fora do comum ou por terem sido motivo de repulsa coletiva, devido ao fato de seus percursos ou de suas mortes trágicas, terem dado origem a cultos em suas honras, essas figuras estão inscritas nas memórias coletivas e se elevam a categoria de ícones. Símbolos das histórias nacionais e lutas sociais, esses ícones funcionam como meios de identificação coletiva que contribuem para agregar os indivíduos em torno de sistema de valores e representações partilhadas.

Há muito tempo, a literatura, as tirinhas em quadrinhos, a pintura, assim como a mídia representam meios poderosos que possibilitam a emergência desses ícones. Ficção e realidade são muitas vezes interligadas, e alguns deles tiveram suas trajetórias revisitadas nas narrativas cinematográficas que deram origem a análises divergentes. Entretanto, não devemos nos enganar : esses ícones são raramente objeto de consenso. Debates frequentemente violentos sobre suas legitimidades expõem as divisões que atravessam as sociedades americanas e que as tornam particularmente complexas. A aceitação ou rejeição de um ícone é, então, uma questão de construção de identidade e pode se situar no seio de disputas ideológicas. Além disso, o termo "ícone" possui um caráter polissêmico, rementendo-se assim à diversas interpretações. É por essa razão que esses personagens singulares podem adquirir diversas dimensões : da figura transnacional, transmitindo valores universais, a figura do herói local, cuja fama não excede os limites do território em que sua história singular é construída.

Na ocasião de sua oitava edição, RITA propõe examinar esses ícones americanos, reais ou fictícios, buscando estudá-los em toda sua diversidade, tentando notadamente descrever os conflitos de posse e interpretação passados e atuais. Trata-se de decifrar os mecanismos da sua construção social ou institucional, analisar as modalidades de emergência e de afirmação desses ícones no espaço público, bem como identificar os processos de legitimação e singularização que lhes conferiram um lugar específico nos imaginários coletivos.

Varias pistas de reflexão podem ser mencionadas, mas não exclusivas. Em primeiro lugar, em que contextos sociais e políticos esses ícones surgem? Quais são os ícones de que as pessoas falam? Trata-se de um revolucionário carismático, de um líder político controverso ou de um personagem com um caráter tão popular que se torna, paradoxalmente, o melhor representante das massas?

Além disso, o que nos ensinam esses ícones sobre a história dos países, regiões e comunidades que se apropriam deles? Esses ícones tiveram seus significados e escopos

alterados ao longo da história? Em que medida a evolução dos contextos sociais e políticos reciclam ou distorcem os valores mantidos por tais ícones? Se se trata de ícones fictícios, quais são suas origens? Existem tentativas "abortadas" de criação de ícones? Finalmente, esse dossiê se propõe a examinar o processo de personificação das Américas: o que dizer dos ícones americanos para além das Américas?

As proposições de artigos podem tratar de figuras históricas, personalidades do mundo associativo, cultural, midiático, político, religioso e esportivo, mas também personagens fictícios ou até mesmo indivíduos e grupos anônimos que se tornaram emblemáticos. Serão bem-vindas contribuições sobre as trajetórias de "anti-heróis", ou qualquer outra forma de figura contraditória ou concorrente colocando em dúvida os discursos e representações transmitidos por grandes figuras consensuais. De maneira semelhante, as proposições de artigos podem tratar de críticas direcionadas a "história dos grandes homens" e concentrar-se na elaboração e difusão de narrativas alternativas revalorizando a participação do "povo" ou a contribuição de comunidades específicas na história de um lugar ou de um grupo em particular. Os textos dirigidos à sessão temática desse novo número de RITA podem estar inscritos em todos os campos das ciências sociais e assumir a forma de análise teórica, reflexões empíricas ou metodológicas.

Campo Livre

Lembramos que RITA aceita também artigos fora da temática, reunidos em 3 rubricas: Olhares sobre as Américas, Notas de pesquisa e Resumos de dissertação de mestrado e/ou tese de doutorado. As notas de pesquisa são artigos que apresentam uma pesquisa em andamento ou acabada. Elas devem imperativamente possuir uma problemática, além de apresentar um plano de pesquisa e possuir a forma de uma reflexão científica. Ao contrário, na rubrica Olhares, a expressão e a forma são livres: experiências de pesquisa de campo, ensaios jornalísticos, literários, etc.

*Receberemos propostas de contribuição (uma página) até o dia **30 de junho**, no seguinte endereço: rita.iheal@gmail.com Os artigos devem ser inéditos. Os(as) autor(a)s selecionado(a)s serão informado(a)s no início de agosto e o artigos completos deverão ser entregues até o dia 22 de setembro. O Comitê de Leitura avaliará seu texto que poderá então ser aceito ou não, com ou sem modificações. O número 8 será publicado na primavera de 2015.*

As propostas devem ser redigidas em uma página do Word. Os(as) autores(as) devem expor suas problemáticas, metodologia e argumentos de sua demonstração. Os(as) autores(as) devem também inserir 5-6 palavras-chave e uma breve bibliografia (exceto para seção "Olhares"), que pode ser encaminhada em um arquivo anexo. Finalmente, devem informar seu(s) nome(s) completo(s), sua filiação institucional, sua última titulação e a categoria selecionada para o seu artigo.

Lembramos que todos os artigos devem ser inéditos e não podem estar submetidos à avaliação simultânea em outras revistas.